

# **A CONSAGRAÇÃO FEMININA NAS IGREJAS CRISTÃS EM CAMPINA GRANDE/PB: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS IGREJAS CATÓLICA E EVANGÉLICAS<sup>i</sup>**

Pollyanne Rachel Fernandes Maciel<sup>ii</sup>  
Magnólia Gibson Cabral da Silva<sup>iii</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Ao investigar as maneiras pelas quais a religião atua sobre a sociedade e os indivíduos que a compõem, percebemos que em todos os momentos da história esta tem funcionado como uma das principais instâncias de controle da ordem espiritual, física e moral dos fiéis, atuando, assim, como reguladora e vigilante do comportamento, valores e preferências dos indivíduos, principalmente no que tange a sexualidade. Um dos setores mais poderosos da regulação inspirada na religião é o que determina as relações de gênero. A esse respeito, historicamente, a influência da religião tem sido fundamental, tanto no interior das próprias ordens religiosas, como na sociedade em geral. Com efeito, a religião tem sido enormemente influente no controle da sexualidade e do relacionamento homem/mulher, mesmo no chamado mundo dito secularizado.

No Ocidente, a influência cultural da tradição cristã é predominante, apesar da atual liberdade de credos, esta continua a ser um parâmetro para o estabelecimento do que é certo e do que é errado, e através da educação, influencia todos os indivíduos, até mesmo os que se dizem não religiosos. Contudo, a sociedade não é estática, mudanças acontecem, tanto na religião como na sociedade, estabelecendo entre as duas uma espécie de circularidade.

A religião dominante, geralmente auxiliada por um forte aparato de sustentação, molda a sociedade e a conduta dos indivíduos, fato que a leva a exercer uma grande predominância sobre a cultura e, por consequência, sobre os indivíduos.

Com relação ao papel social e religioso da mulher, por exemplo, as religiões, têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma visão específica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. Segundo Rosado Nunes (2005), historicamente, são os homens que dominam a produção do que é ‘sagrado’ nas diversas sociedades. Para ela, os discursos e as práticas religiosas têm a

marca dessa dominação. Nesse sentido, “normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas” (NUNES, 2005, p.363).

De fato, ao longo de sua trajetória, a tradição cristã representou a mulher como um ser inferior e submisso ao homem. Herdamos desta tradição uma visão negativa da figura feminina, uma vez que seu legado foi responsável pelo sufocamento de uma via feminina na teologia, na doutrina e na autoridade no cristianismo. Neste, o acesso ao poder institucional está legitimado pelo sexo e pelas representações simbólicas que foram sendo cristalizadas ao longo dos séculos. Nesse sentido, pode-se afirmar que este se institucionalizou como uma religião eminentemente masculina, uma vez que ser homem ou ser mulher, no âmbito religioso, significa mais do que uma representação sexual, ou seja, trata-se da possibilidade de acessar ou não o espaço do poder de hierarquia, do culto e até mesmo do ensino e da produção do saber teológico-religioso (FURLIN, 2008).

Mas, como a realidade é dinâmica, as mudanças que se operam na sociedade penetram no recôndito das instituições religiosas pressionando-as a adequarem-se aos “novos tempos”. Assim é que, ao contrário do que ocorria na Idade Média, onde a mulher era submissa ao marido e suas atividades restringiam-se às atividades domésticas, a dinâmica do mundo moderno, praticamente, exige a inserção desta, nos mais diferentes campos de ação, como sujeito de sua própria história. Contudo, o poder da tradição ainda é tão forte. A realidade da maioria das mulheres, ainda hoje em todo o mundo, é de submissão aos pais ou ao marido. As relações de gênero se apresentam desiguais, até mesmo nas relações formais de trabalho e, principalmente, no campo religioso. O campo da religião, em seu processo de construção social, ainda é marcadamente dominado pelo sexo masculino.

A grande mudança a esse respeito no ocidente contemporâneo, está no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a proeminência de algo que é indiscutível. Isso, principalmente, em razão das conquistas do movimento feminista, com seu enorme trabalho crítico, que conseguiu romper “o círculo de reforço generalizado”, pelo menos em determinadas áreas do espaço social (BOURDIEU, 2011, p.106). Assim, após séculos de aceitação aparentemente passiva, o cenário vem mudando significativamente. A partir da eclosão dos movimentos feministas e do impacto por ele provocado na sociedade ocidental, os efeitos se fazem sentir em todas as esferas, até mesmo no âmbito religioso.

Com efeito, a cada dia, aumenta a insatisfação por parte de algumas mulheres dedicadas à vida religiosa nas igrejas cristãs tradicionais quanto à impossibilidade de

participação em atividades e cargos tradicionalmente reservados para homens. Inicialmente, foram as evangélicas que se pronunciaram nesse sentido, mais recentemente, também ocorre na Igreja Católica.

Assim, o presente trabalho, tem o intuito de apresentar os resultados da pesquisa que vem sendo realizada acerca da consagração feminina nas igrejas cristãs em Campina Grande - PB, tencionando desenvolver um estudo sociológico qualitativo que analisa comparativamente esta questão no âmbito da igreja católica e de denominações evangélicas.

O reconhecimento da importância desta questão na atualidade justifica a presente proposta em estudo, a qual visa identificar as representações que as mulheres cristãs consagradas fazem de si mesmas enquanto mulheres e cidadãs, para verificar a possível existência de um processo de reconfiguração das subjetividades femininas no interior das instituições católicas e evangélicas em Campina Grande - PB. Nossa pesquisa tem como objetivos específicos enumerar os tipos de atividades desempenhadas pelas mulheres nas instituições católica e evangélicas desta cidade, verificar as condições de trabalho a elas oferecidas e as possíveis dificuldades por elas enfrentadas nesta atividade, bem como, identificar as representações que fazem de si mesmas enquanto mulheres consagradas e cidadãs, com relação à sua própria condição na sociedade a que pertence.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, visto que é o primeiro estudo comparativo sobre mulheres consagradas nas igrejas católica e evangélicas em nossa cidade e região. Como técnica de coleta de dados e informações, recorreremos a procedimentos de pesquisa que se inserem em abordagens qualitativas, entre os quais, a entrevista e a observação participante em cultos e cerimônias religiosas, bem como pesquisa bibliográfica e documental acerca de relações de gênero e religião.

Como instrumento, fez-se uso do roteiro semi-estruturado com perguntas acerca do tema proposto, porque permite que os entrevistados falem livremente, de modo a suscitar reflexões norteadoras.

Nesse sentido, a presente pesquisa é classificada como qualitativa, pois estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, e exploratória, já que não dispomos de estudos sobre o assunto na cidade. Segundo Minayo (1993, p. 21), o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A abordagem qualitativa, de acordo com

a referida autora, responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Correspondente a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Trata-se de um estudo/pesquisa que não permite generalizações dos resultados para o âmbito nacional. Permitirá, entretanto, que se identifiquem tendências que possibilitem um maior conhecimento da realidade destes grupos, tendo em vista que se optou metodologicamente pela análise de discurso por meio de entrevistas em profundidade.

O universo da pesquisa é constituído por Instituições católicas e evangélicas de Campina Grande. A amostra, não-probabilística por acessibilidade, é composta por três instituições católicas e três igrejas evangélicas, sendo uma histórica/tradicional, uma pentecostal e uma neopentecostal, situadas em Campina Grande –PB. Para tanto, contou-se com a participação, até o presente momento, como sujeitos da pesquisa, de 7 (sete) pessoas, sendo seis do sexo feminino e um do sexo masculino. Quatro dos entrevistados são representantes da Igreja Católica, uma irmã do Mosteiro de Santa Clara de Campina Grande, uma da Associação das Damas Hospitaleiras (Lourdinhas - Escola Virgem de Lourdes) e uma do Instituto São Vicente de Paulo e um padre recém ordenado e três mulheres consagradas evangélicas, duas da Igreja Evangélica Verbo da Vida (neopentecostal) e outra da Igreja Assembléia de Deus (pentecostal), as quais manifestaram as suas opiniões e conceitos acerca do tema pesquisado. Vale salientar que o processo de investigação, incluindo as entrevistas, ainda não foi concluído.

As quatro primeiras entrevistas<sup>iv</sup> foram realizadas em conjunto com nosso grupo de estudos sobre feminismo e religião, algumas tendo sido realizadas antes do início desta pesquisa.

A seleção dos integrantes da amostra se deu por acessibilidade e indicações, devido às barreiras impostas pelas instituições religiosas. As entrevistas foram realizadas em diferentes espaços físicos, geralmente nas instituições pesquisadas, com duração média de uma hora e com o auxílio da técnica da gravação das falas, com a devida autorização do entrevistado, as quais foram, posteriormente, transcritas na íntegra, de forma a embasar a análise dos dados coletados. Procuramos respeitar as construções das frases, os vícios de linguagem e as pausas ocorridas durante a fala. No que se refere aos nomes optamos em

não divulgar os mesmos, no sentido de manter o sigilo e a integridade dos envolvidos nesta pesquisa.

Esse é um importante momento da pesquisa, uma vez que o encontro com o outro resulta no encontro de subjetividades, que devem ser interpretadas com a devida atenção. O encontro face-a-face permite um diálogo que vai além do verbal, uma reciprocidade contínua dos atos expressivos, favorecendo o acesso à subjetividade de ambos os atores. Para compreender os significados desse encontro, precisamos tanto do amparo da literatura quanto de nossa sensibilidade e intuição. Ambos nos ajudarão a perceber, por exemplo, que é preciso não só ouvir o que o indivíduo fala, mas o que sua postura corporal exprime, o que o seu silêncio tem a nos dizer, o que está por trás de um determinado tom de voz ou de um olhar oblíquo.

As entrevistas nos esclareceram a respeito das origens de cada ordem, seus objetivos e normas de funcionamento, princípios e obrigações gerais em relação aos papéis e funções femininas no serviço à instituição, bem como, a diferença entre freiras e mulheres consagradas, seus direitos e deveres. Permitem-nos identificar as representações que as mulheres fazem de si mesmas enquanto mulheres consagradas e cidadãs, e ao mesmo tempo, verificar a existência ou não de um processo de reconfiguração das subjetividades femininas no interior das instituições católicas e evangélicas em Campina Grande - PB.

## **CRISTIANISMO E CONDIÇÃO FEMININA**

A discriminação em relação ao sexo feminino é uma característica presente na maioria das religiões e das sociedades. A tradição cristã é masculina por excelência. Tanto em seu simbolismo quanto em sua hierarquia, essa característica é muito forte. Em relação às mulheres, algumas das principais igrejas cristãs estão entre as organizações mais conservadoras das sociedades modernas, especialmente a Igreja Católica (GIDDENS, 2005, p.434).

Essa característica marca profundamente nossa sociedade. Como ressalta Giddens, “as igrejas e denominações são organizações religiosas com sistemas definidos de autoridade. Nessas hierarquias, assim como em outras áreas da vida social, as mulheres são, na maioria das vezes, excluídas do poder” (Ibid.).

Como explicita Rosado Nunes (2005, p.363), “o lugar das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e frequentemente ainda não é, dos mais felizes. [...] Sua

presença continua silenciosa e suas razões não ditas”. A tradição religiosa cristã caracteriza-se por ter colocado a mulher, ao longo da história, como reprodutoras das orientações determinadas pela estrutura dominante vigente: a predominância masculina.

Nas grandes religiões institucionalizadas as lideranças femininas acabam sempre marginalizadas, reforçando a tradicional imagem de mulher submissa à autoridade religiosa representada pela figura masculina. Essa marginalização envolve espaços de liderança, acesso à formação e as relações hierárquicas nas estruturas institucionais. No caso do catolicismo, as ordens femininas são suprimidas do ofício sacramental e de todas as instâncias de decisão da Igreja, estando ligadas mais a obra social. No protestantismo a condição inferior é imposta à mulher quanto ao exercício ministerial, hegemonicamente masculino. Verifica-se, entretanto, na vertente cristã protestante, a liderança religiosa feminina legalmente institucionalizada, embora restrita a um pequeno número de congregações, legitimando uma aproximação com a teologia feminista e apresentando mais flexibilidade nos papéis masculinos e femininos do que na Igreja Católica, que preserva uma estrutura arcaica bastante fechada nesse sentido.

Como enfatizou uma das irmãs entrevistadas, representante da Igreja Católica, as mulheres consagradas que desejam transformações na estrutura da Igreja e no papel da mulher na Igreja Católica “*deveriam procurar fora*”, pois, de acordo com ela, “*dentro não vai achar nunca*”.

Já no contexto evangélico, a figura das diaconisas, presbíteras, pastoras e até bispas é uma realidade em muitas delas. De acordo com alguns estudos recentes, as mulheres têm sido cada vez mais influenciadas pelas idéias do movimento feminista global e, conseqüentemente, pela Teologia Feminista dela decorrente. Assim, com as análises feministas da religião, essa situação começa a mudar, ainda que, muitos valores simbólicos que constituem os dogmas cristãos continuem estagnados.

Fundada na “promoção da igualdade das mulheres com os homens, na igreja e na sociedade”, a Teologia Feminista rompe com as relações assimétricas de poder (ROSADO, 2001, p. 82). Entre nós, a elaboração teológica feminista mais difundida vem do campo cristão, protestante e católico, o qual tem alcançado alto grau de institucionalização e respeitabilidade. “Talvez mais do que qualquer outro campo do conhecimento, a Teologia elaborada por mulheres tenha alcançado um estatuto próprio” (Ibid., p. 85).

Para Viero (2005), no limiar do neofeminismo, um dos focos do feminismo cristão - especialmente as Igrejas protestantes - foi o movimento pela ordenação de mulheres que

alcançou um resultado significativo: “na reunião de 1958 do Conselho Mundial das Igrejas, de 168 grupos, 44 admitiam ordenar mulheres” (VIERO, 2005, p.104).

Na década de 1960 os movimentos de libertação da mulher, principalmente nos Estados Unidos e em países europeus, atacaram fortemente as Igrejas, especialmente a católica, por considerar que esta impedia a libertação da mulher. De acordo com Viero (Op. cit.), nesses países “se multiplicaram as reivindicações para a ordenação das mulheres e para que elas obtivessem mais poder nas Igrejas”. Com a elaboração da Teologia Feminista por um lado, e por outro, as inovações nas Ciências Humanas devido à “introdução de elementos teórico-metodológicos oriundos do Feminismo, para a análise da religião”, foi possível interrogar as religiões do ponto de vista das relações sociais entre os sexos, ou de gênero, com mais afinco (Ibid.).

São múltiplos os movimentos de mulheres nas Igrejas brasileiras influenciados pelo feminismo. Não obstante as distinções, de acordo com Viero, eles estão unidos no caminho da experiência da fé, à luz de uma nova consciência das mulheres, provocando uma mudança de linguagem, revisão dos símbolos, reorientação da prática e novas relações.

Contudo, na prática, poucas mulheres consagradas ao trabalho religioso ousam contestar a situação de discriminação e inferioridade no interior das instituições religiosas, demonstrando que esta situação praticamente não sofreu alterações, sobretudo na América Latina, principalmente no contexto católico, mesmo com as conquistas ensejadas pelo movimento feminista.

A partir das entrevistas com pessoas dedicadas ao serviço religioso nas igrejas católica e evangélicas por nós pesquisadas, bem como, através das pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil sobre o assunto, o comportamento mais frequente em relação à ocupação ou não por mulheres em cargos hierárquicos é a de conformidade com a ordem estabelecida ou uma passividade aparente. Pois mesmo quando não há concordância com a ordem estabelecida, o medo de ser repudiada ou castigada pela igreja ou pelas pessoas, o medo de contrariar ou desmoralizar o marido é mais forte que a insatisfação.

De fato, em nossa pesquisa com mulheres consagradas ao serviço religioso na Igreja Católica - apesar de cada entrevistado (a) apresentar peculiaridades distintas - percebemos por parte dos entrevistados um aparente desinteresse sobre a questão do sacerdócio feminino, quando não, declarada conformidade à ordem estabelecida. A maioria dos entrevistados representantes da Igreja Católica, apesar de exaltarem a figura feminina e as características historicamente a ela atribuídas – sensibilidade, amabilidade, brandura,

etc., fundamentais á prática cristã, aceitam a discriminação presente, mesmo reconhecendo que a mulher é tão competente quanto o homem e que a ampliação do espectro da ação feminina a serviço da instituição seria positiva no momento atual, visto que temos mais mulheres do que homens neste serviço. Todos são unânimes, não concordam ou não almejam a ordenação feminina.

De acordo com o padre entrevistado, a busca pela ordenação feminina seria algo desnecessário, um dispêndio de trabalho e energia em um mundo em que tantas causas mais importantes esperam por alguém que lute por elas. A maioria dos religiosos não se mostra interessados em uma mudança de status dentro da Igreja Católica, e isso fica evidente nas entrevistas. Segundo uma das entrevistadas, “*tudo funciona perfeitamente bem*” do jeito que é. Isso nos possibilita inferir que a hegemonia masculina na Igreja Católica é explícita e sua internalização é parte da aprendizagem, diríamos mesmo, obrigatória.

No que diz respeito às atividades, as religiosas, na prática, podem dar a comunhão, ocupar cargos de coordenação e de alguns ministérios em algumas dioceses brasileiras, dependendo da autorização do bispo de cada região. Mas, é importante destacar que se trata de lugares concedidos. Os homens da igreja permitem e regulam que as mulheres ocupem lugares previamente determinados por eles. (FERNANDES, 2005, p. 429). No geral, suas atividades dizem respeito a serviços sociais, como as obras sociais e de caridade mantidas pela Igreja.

Duas religiosas e o padre entrevistados, não foram críticos no sentido de identificar possíveis limites na Igreja católica, ao contrário, coadunam com a visão institucional da Igreja. Seus argumentos estão pautados na visão de que a Igreja não nega a importância da presença feminina em seu corpo social e muito menos a desvaloriza; a separação de tarefas entre homens e mulheres para eles é algo natural. Assim como homens e mulheres têm papéis diferenciados na sociedade, assim também o é dentro da Igreja.

[...] essa separação de papéis, ela esta intimamente ligada à questão do homem mesmo e da mulher, não é? Eu até, brincando outro dia disse, “por que as pessoas perguntam por que padre... por que mulher não pode ser padre?” Porque mulher não é homem. O código de direito canônico diz claramente que para ser padre precisa ser varão, ser varão é macho, não é? Do latim macho, não é? Não pode ser mulher. Isso é uma discussão do código de direito canônico. Então é o requisito básico é ser homem, não é? É ser homem. É tanto que até a própria nomenclatura é bem... bem distinta, freira e padre ou madre e padre. Madre é mãe e padre é pai. (Padre).



[...] Mas eu acho assim, a gente vive numa igreja que é católica, eu vivo nessa Igreja, conheço toda a estrutura dessa Igreja, sei o papel da mulher e a função dela, se querer se igualar é querer se tornar sacerdote ou padre, tá muito ruim de chegar a isso, porque não é esse o nosso papel enquanto mulher. (Freira)

Em sua doutrina social, a igreja, sobretudo a católica, tem reforçado o papel de sujeição da mulher ao homem, tanto por defender a indissolubilidade do casamento como por considerar a sexualidade suspeita a não ser quando praticada em função da reprodução e, ainda, quando ressalta a função biológica da maternidade como uma das mais importantes da mulher na sociedade. À mulher sempre se atribuiu a esfera privada – o lar –, tendo como função “natural” o cuidado e a educação dos filhos.

No catolicismo, a figura feminina é associada ao modelo mariano de perfeição e santidade e ao de pecadora, personificado na figura de Eva e ao de Maria Madalena, a pecadora que se redime.

O Papa João Paulo II demonstrou publicamente nítida inclinação para as posições mais conservadoras, utilizando condenações consideradas já ultrapassadas. Condenava a nudez, o homossexualismo e a participação das mulheres em cargos de liderança na igreja. Em 1994, reafirmou o não ordenamento de mulheres a sacerdotes, dando o tema por encerrado. Consoante Fernandes (2005, p.425), de acordo com a carta apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, os argumentos de caráter teológico apresentados por ele podem ser sintetizados em:

a) a missão sacerdotal foi confiada apenas aos homens por Cristo que chamou 12 apóstolos; b) a necessidade ou valorização da preservação da tradição ou da prática da Igreja ao longo dos séculos nesse tema; c) como consequência do segundo item, aborda-se a irrevogabilidade do Magistério da Igreja.

O referido documento enfatiza que não se trata de discriminação contra a mulher, mas de atender a uma certeza inquestionável acerca do mistério de Cristo e de sua Igreja, argumento presente nos discursos dos católicos entrevistados.

Nossa pesquisa mostrou ainda, que há congregações femininas que se apresentam com um perfil mais consoante com a Igreja e suas prescrições. Sendo assim, promovem um tipo de adesão religiosa menos questionadora ou mais voltada para o discurso oficial da instituição.

Evidencia-se assim, o papel da tradição, base da identidade institucional, que cria a constância através do tempo promovendo a articulação entre o passado e o futuro (GIDDENS, 1997, p.100) de forma a preservar o sistema que mantém a instituição.

Mas isso não quer dizer que *nada mudou* e que a tradição católica permanece incólume às mudanças. O discurso de uma religiosa católica por nós entrevistada diferencia-se dos demais, indicando a presença de uma visão pessoal aberta, e em determinados aspectos, discordante do posicionamento da Igreja Católica, sendo a única que se mostrou de acordo com o sacerdócio feminino e, portanto, com a equidade entre homens e mulheres na hierarquia institucional, ainda que não tenha intenção de requerer-lo ou de articular movimentos nesse sentido.

Touraine (2010) evidencia que hoje, o movimento das mulheres faz emergir um novo modelo geral de ação coletiva e de experiência individual cuja intervenção nos setores sociais os mais diversos possíveis da vida política e social todos nós podemos acompanhar (TOURAINÉ, 2010, p.53). O fato é que, a voz das mulheres, sejam elas consagradas ou não, pode ser ouvida nos mais diversos setores, e é bem diferente do discurso feminista de caráter político inicial. “As mulheres dizem: ‘eu sou uma mulher’ e não ‘eu sou uma vítima’” (Ibid. p. 54). Tivemos oportunidade de ouvir essa mesma declaração de uma mulher consagrada católica pós-graduada que atua Campina Grande. Para Touraine, essa postura indica um lugar central à relação da mulher consigo mesma.

Segundo o referido autor, está se desenvolvendo uma “preocupação consigo mesma” que substituiria as declarações de períodos anteriores, quando a definição do ator social era formulada em termos de transformação do mundo, de conflitos propriamente sociais e de evolução histórica (Op. cit.). Elas agem dessa forma, afirma Touraine, antes de tudo, porque querem afirmar-se como sujeitos livres e responsáveis e não como produto do poder masculino. “*Eu sou uma mulher*, afirmou a irmã, *não quero competir nem tenho inveja dos homens. Procuo ser competente no que faço e trabalho com os padres de igual para igual, quando falo com propriedade e competência nenhum deles me contesta [...]*”.

E continua,

Não. Eu não sou feminista não. Não é ser feminista nem ser submissa. [...] eu acho que a mulher ocupa o espaço que ela quer. Eu não vou dizer: ah, a mulher não deve celebrar missa, não! Não é que não... eu acho que eu entendo que encontrar meu espaço feminino dentro da Igreja. Eu exerço uma função hoje que homem nenhum poderia exercer. Eu faço parte da acessória, eu faço acessória pra Bispos e pra Padres, eu faço o que eles nunca fariam, eu digo pra eles na Igreja “eu não tenho um pingo de inveja de vocês”. Nem também gostaria de ser um homem pra fazer o

que você faz. Eu sou mulher, tenho o meu papel de mulher bem definido e resolvido, e faço muito bem. (Irmã de caridade católica).

No contexto das instituições evangélicas, sabe-se que embora continue a existir limitações em relação ao papel da mulher no exercício de uma função dentro das instituições religiosas, fruto de uma estrutura hierarquizante, subordinada ao julgo masculino, observa-se uma tendência maior à revisão da participação das mulheres na liderança. Em inúmeras denominações, sobretudo as pentecostais, constata-se o crescimento gradativo do número de pastoras em todo o país.

Machado (2005) destaca o crescimento do número de denominações com pastorado feminino e a multiplicação das igrejas fundadas por mulheres. De acordo com esta autora, estudos recentes sobre a distribuição de autoridade no interior das igrejas revelam a tendência de revisão dos constrangimentos à participação das mulheres na direção das comunidades pentecostais. Tendência que, de acordo com ela, apesar de intimamente associada à expansão neopentecostal, não está circunscrita ao segmento mais novo da tradição evangélica.

Movimentos em favor da consagração de mulheres já podem ser percebidos tanto na Assembléia de Deus, uma das mais tradicionalistas e sexistas denominações do pentecostalismo clássico, quanto na comunidade Batista, que é a maior e mais popular igreja do protestantismo histórico em nosso país (MACHADO, 2005, p. 391).

Entretanto, ainda que as mulheres constituam a maioria no meio evangélico, e nas igrejas em geral, como mostram todos os estudos e o senso, e que algumas denominações evangélicas comecem a revisar certas interdições, grande parte das igrejas não permite que a parcela feminina pratique o pastorado. Os cargos de liderança associados à habilidades *inerentemente* femininas, tais como a direção de escola bíblica dominical e a organização de grupos de oração, o cuidado das crianças ou lecionar para adolescentes ou senhoras e atividades de menor visibilidade são comumente atribuídos às mulheres. Sendo assim, as verdadeiras limitações às mulheres evangélicas encontram-se especificamente vinculadas ao exercício do pastorado, pois este traz consigo a exigência por maior autoridade eclesiástica e cria um ponto de discussões bastante acaloradas entre líderes das mais variadas denominações (SANTOS apud SILVA, 2002).

Mesmos nas denominações evangélicas que permitem que mulheres ministrem é possível perceber que essa participação não se dá com a mesma regularidade e notoriedade que a masculina, como afirma uma das entrevistadas.

A mulher dentro da igreja, na teoria é igual, na prática, não. Entendeu? Dentro de uma igreja, você não vai ver uma mulher ministrar no domingo a noite na mesma frequência de um homem. A mulher, quer queira quer não, três ou quatro chega ao mesmo nível de estar como um homem dentro da igreja, mas ela é, de certa forma, muito desprezada dentro da igreja. (Evangélica – IEVV).

É possível perceber, através do depoimento abaixo, assim como no discurso dos católicos entrevistados, uma distinção entre características supostamente femininas e masculinas:

Olhe, existem limitações naturais que seria bom que as mulheres compreendessem isso. A mulher ela foi dotada de uma sensibilidade maior do que o homem. Isso aí é notado. Todo mundo sabe. Só que essa “dureza”, vamos dizer assim, entre aspas, dos homens é exatamente o que capacita eles a ter uma liderança que não se deixa mover pelos sentimentos pra poder ter as decisões e isso, às vezes, é uma limitação para a mulher, não é? Uma sensibilidade extrema, às vezes carências extrema, não é? (Ministra de púlpito)

Vários trechos bíblicos são utilizados por lideranças evangélicas contrárias ao ministério feminino. Na primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, por exemplo, capítulos 11 e 14, encontram-se dois textos<sup>v</sup> que alimentam a convicção dos que condenam o pastorado feminino. Ou seja, tudo passa pelo entendimento de alguns trechos bíblicos interpretados por essa ou aquela estrutura eclesiástica, segundo a visão do seu líder ou órgão deliberativo. Assim, baseadas nas escrituras bíblicas e na própria relação da Igreja com Cristo, da qual Ele é o “cabeça”, é que a hierarquia masculina das Igrejas tem impedido as mulheres de ascender a cargos ordenados e oficiais no interior das instituições eclesiais.

O marido é o cabeça da mulher no lar, certo? Isso aí é uma coisa certa. Só que existem elementos que foi dado ao homem que tornam ele esse tal cabeça do lar, não é? Só que a Igreja é uma grande família.[...]. E o pastor, ele é o pai da Igreja e a pastora, ou a esposa do pastor, é a mãe da Igreja. Entendeu?[...] Então Deus vê a Igreja como uma família e o pastor como a pessoas do pai e a pastora, ou esposa do pastor, como a pessoa da mãe. Então, se você olhar por dentro desse contexto, tem que ser exatamente dentro da hierarquia que Deus criou para a família: homem cabeça, mulher auxiliadora e os demais filhos. Porque é o tipo de família.

A Igreja é um tipo. É uma figura do que é uma grande construção familiar. (Evangélica pentecostal)

Uma das igrejas pesquisadas até o presente momento, a Igreja Evangélica Verbo da Vida, relativizou, em parte, os textos bíblicos e permite que as mulheres exerçam cargos de liderança e o exercício ministerial. Entretanto, e contraditoriamente, lança mão desses mesmos textos para barrar o pastorado feminino, que, especificamente nesta instituição, diz respeito ao cargo de comando e gerenciamento geral da igreja.

[...] eles falam que a mulher pode muita coisa, mas pregam uma doutrina de que a mulher não pode. Eles demonstram que pode, mas ficam barrando. Por exemplo, a questão de mulher pastora. Falam que a mulher pode ensinar, falam que a mulher pode pregar, mas não concordam que pode ter mulher pastora. Então se você tem o chamado de pastora, que eu acho que pode ter, você já não pode exercer dentro do ministério que eu estou, entendeu? (Evangélica – IEVV)

Algumas igrejas realmente não permitem que as mulheres preguem. Elas tiram versículos de contexto, não é? Isolados. Não conhecem o contexto da época. [...] Agora, especificamente o pastoreio, ele vai liderar sobre igrejas, vai liderar sobre famílias. Então, você vê que é um chamado muito parecido com as capacitações que Deus deu ao sexo masculino. Liderança, cabeça. É possível que uma mulher pastoreie uma igreja? Sim. Com certeza. Sem nenhum problema, não é? Mas, ela vai ter algumas limitações por causa dos componentes que Deus deu a mulher, como auxiliadora e não como cabeça. [...] Porque existem ferramentas de liderança que Deus deu ao homem que não deu a mulher. (Ministra da IEVV)

Segundo os estudos sobre a ordenação feminina, o ambiente criado pelas limitações impostas ao acesso feminino ao púlpito ou mesmo aos cargos mais elevados na hierarquia no meio evangélico tem provocado insatisfações, embora esse desagrado comumente não leve a reivindicações. Pois, assim como acontece na Igreja Católica, a passividade e o acatamento a “visão” doutrinária da congregação predominam, até como forma de respeito à liderança, nos casos pesquisados.

Ou seja, embora entre os evangélicos já se possa perceber aqui e ali, questionamentos a determinados conteúdos ou posicionamentos institucionais, as opiniões críticas não norteiam o discurso das entrevistadas evangélicas. Observamos que predominam os depoimentos de mulheres com perfil pouco crítico e profundamente eclesial no sentido de estarem bem adequadas a aspectos doutrinários do magistério. Ainda que não seja absoluto, esse perfil de mulheres aponta para uma tendência presente

na maioria das congregações, que é a de adequação ao discurso institucional e manutenção do *status quo*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos dos nossos entrevistados mostram um pouco da realidade das mulheres consagradas ao serviço cristão em Campina Grande, realidade esta, solenemente reforçada pelos diversos discursos e confirmada na fala do único homem entrevistado até o momento. Até o momento, tudo parece indicar que a tradição cristã mantém seu poder frente a uma realidade cada vez mais desafiadora, apesar da tênue reflexividade que, de alguma ou de várias formas, tenta penetrar este contexto hostil de inflexibilidade. Nessa direção, mantém-se ainda, as configurações tradicionais do masculino e feminino, como muralha de contraposição a ordenação feminina. Não obstante, devemos entender que os entrevistados compõem uma pequena amostra da realidade encontrada nesse município e que por isso, não corresponde à realidade de todos os religiosos cristãos, não podendo, pois, ser generalizada.

Contudo, é possível perceber que as relações sociais que se tecem entre os sexos - relações de poder - dizem respeito a toda a sociedade e à história, bem como a todas as suas instituições, as religiosas inclusive, e nesse sentido, a refletem. A Igreja, além de ser um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierárquica entre os sexos, contribui para a manutenção da ordem política reforçando-a simbolicamente, inculcando em seus membros que a submissão feminina ao homem é algo natural e necessário. Ela inculca explicitamente uma moral familiarista completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres.

É possível perceber, através dos vários estudos e pesquisas realizados acerca da temática em questão, um duplo movimento – permanências e mudanças. Entretanto, os resultados da nossa pesquisa indicam que apesar das conquistas ensejadas pela eclosão do movimento feminista, a situação da mulher consagrada ao trabalho religioso no âmbito da Igreja Católica, em Campina Grande aparentemente não sofreu alterações. No contexto evangélico, as poucas mudanças por nós encontradas aparecem de forma contraditória, pelo menos até agora, no discurso das evangélicas. Mas na prática, demonstram que a situação da mulher cristã consagrada é bem mais complexa do que o discurso feminista quer nos fazer crer. Assim, percebe-se que ainda há muito a pesquisar e conquistar nesse sentido.

---

<sup>i</sup> Este artigo é resultado da pesquisa PIBIC 2011, financiada pelo CNPq, ainda não concluída. Será apresentado no IX Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande no segundo semestre de 2012.

<sup>ii</sup> Autora. Aluna do Curso de Ciências Sociais, Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: [polly.rachel@gmail.com](mailto:polly.rachel@gmail.com).

<sup>iii</sup> Coautora. Ciências Sociais, Professora. Doutora, Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: [magnoliagib@gmail.com](mailto:magnoliagib@gmail.com).

<sup>iv</sup> A pesquisa nas instituições católicas foi realizada no primeiro semestre de 2011, no projeto PIBIC 2010: Religião, Poder e Conflitos de Gênero: movimentos femininos em instituições católicas em Campina Grande-PB, no qual participamos como pesquisadora voluntária.

<sup>v</sup> O primeiro dos textos citados diz o seguinte: “Quero, porém, que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo; Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do varão;” (vs. 3, 9). O segundo texto apresenta um ponto de vista bastante semelhante: “(como em todas as congregações dos santos), permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a Lei; Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja” (vs. 34-35).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *A não-ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na igreja católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as*. Revista Estudos Feministas. v. 13, n.2. Florianópolis, 2005.
- FURLIN, Neiva. *Inserção feminina nos territórios do saber teológico: Uma perspectiva de gênero*. In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_. Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*. Revista Estudos Feministas. v. 13, n.2. Florianópolis, 2005.
- MINAYO, M. Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- NUNES, Maria José Rosado. *Gênero e Religião*. Revista Estudos Feministas. V. 13, n.2. Florianópolis, 2005.
- ROSADO, Maria José. O Impacto do feminismo sobre o estudo das Religiões. In: *Cadernos Pagu*. n.16. Campinas: Unicamp, 2001. p. 79-96.
- SILVA, Janine Targino da. *Lideranças pentecostais femininas: notas sobre a re elaboração da identidade feminina no meio pentecostal e sua influência nas demais esferas sociais*. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder: Florianópolis, 2008.
- TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- VIERO, Gloria Josefina. O feminismo no contexto das igrejas (capítulo 5). In: *Enculturação da fé no contexto do feminismo*. 2005. 205 f. Tese de doutorado (Doutorado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p. 101-125.
- Disponível em: [http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0114213\\_05\\_cap\\_06.pdf](http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0114213_05_cap_06.pdf). Acesso em: 20/03/12.